



O melhor da informação

Pelo site, por tocadores de podcast e pela televisão, eleitores receberam uma cobertura completa e aprofundada do primeiro turno das eleições no **Correio**, no Clube FM e na TV Brasília. Novidade foi a análise em tempo real dos resultados

» CAETANO YAMAMOTO*
» BEATRIZ VASCONCELOS*

Minuto a minuto, as equipes do **Correio Braziliense**, da TV Brasília e do Clube FM entraram na casa do eleitor com uma cobertura completa e multimídia do primeiro turno das eleições de 2026. Repórteres, fotógrafos, colunistas e editores não só acompanharam as votações, mas revelaram bastidores e fizeram análises do pleito ao longo do dia no site, nas redes sociais, na televisão e nos tocadores de podcast.

A editora do site, redes sociais e multimídia do **Correio Braziliense**, Mariana Niederauer, lembra que é tradição do veículo cobrir as eleições com profundidade desde 1960, quando o jornal foi fundado. Mas, nas últimas edições, a equipe reforçou a presença digital. Desde a madrugada de domingo, os repórteres acompanharam, em tempo real, todos os candidatos aos cargos majoritários do Distrito Federal e do país.

“Neste ano, aumentamos muito a cobertura multimídia nos locais de votação e no acompanhamento dos candidatos, com uma equipe preparada para fazer cortes e produção autoral de vídeos”, revela Niederauer. Um dos destaques das eleições 2026, segundo a editora, é a presença intensificada do **Correio** nas redes sociais: somente o Instagram alcança 1 milhão de seguidores, abastecidos de notícias e análises, assim como os usuários do Tik Tok, X e Facebook.

Segurança

A cobertura das eleições não ficou apenas na contagem de votos. Pela manhã, o secretário de segurança do Distrito Federal, Alexandre Patury, conversou com os jornalistas Adriana Bernardes e Marcelo Agner sobre irregularidades no primeiro turno, durante o *Podcast do Correio*. “Ele falou sobre a célula de inteligência que a Secretaria de Segurança Pública montou para essa cobertura para evitar qualquer

Guilherme Felix/CB/D.A Press



Na Central de Apurações, o cientista político Leonardo Barreto foi entrevistado por Sibele Negromonte e Carmen Souza sobre o pleito

transtorno e garantir que o eleitor do Distrito Federal vá votar e exerça a sua cidadania sem medo e livremente, escolhendo os candidatos da sua preferência”, relata Bernardes, subeditora de Cidades.

Os telespectadores da TV Brasília acompanharam, à tarde, a programação comandada pela colunista Samantha Sallum, também transmitida pela internet. No *CB. Poder*, a jornalista recebeu o CEO do Instituto Opinião Inteligência Política, Alexandre Garcia, que analisou as pesquisas mais recentes e o cenário político no Distrito Federal. “Essa cobertura foi ainda mais ampla, e está sendo até histórica porque ela está tendo uma capilaridade muito grande”, conta Sallum, que destaca a

importância do jornalismo no combate à desinformação. “Para a gente, aumenta a responsabilidade e aumenta ainda mais a relevância do nosso trabalho.”

Até o fim da apuração, a programação da TV Brasília registrou 13 horas de veiculação ao vivo. Segundo o gerente de jornalismo da emissora, Patrício Macedo, a parceria com **Correio** amplia a audiência e garante a pluralidade de informações. “Nós promovemos sabatinas, debates e análises. A parceria é tradicionalmente profunda e qualificada”, conta.

Central da Apuração

Uma das novidades da cobertura de 2026 foi a Central de

Apuração. A jornalista Carmen Souza, editora de *Opinião*, contou como a iniciativa resultou no monitoramento em tempo real dos dados fornecidos pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), enquanto especialistas analisaram o cenário. “Assim que começaram as apurações do TSE, fomos acompanhando ponto a ponto com especialistas e com o telão, vendo os números mudarem e projetando o cenário local e nacional para todos os cargos: deputado distrital, senador, deputado federal e governador. Começamos a analisar tudo em tempo real”, diz a jornalista, que dividiu o estúdio com a colega Sibele Montenegro.

Carmen Souza também enfatizou que a cobertura nas eleições é

um trabalho feito ao longo de semanas e meses. “Esse material não é diferente do que a gente vem fazendo nas últimas semanas. O **Correio** fez sabatinas e entrevistas com candidatos para governo, para a presidência, para deputado federal e distrital. Não começou hoje (ontem), é um trabalho de semanas e meses para ajudar o leitor a fazer a sua escolha, culminando nesse dia decisivo, com a novidade do estúdio e a possibilidade de acompanhamento ponto a ponto das eleições”, afirmou.

Diversidade

Para o editor de *Política, Economia e Brasil*, Carlos Alexandre de Souza, o principal



Lançamos diferentes abordagens. Esses ambientes se alternaram para oferecer um conteúdo dinâmico e bastante diversificado”

Carlos Alexandre de Souza, editor de *Política, Economia e Brasil* do **Correio**

compromisso da cobertura foi oferecer uma ampla diversidade de conteúdos e análises em múltiplas plataformas, permitindo ao leitor acompanhar a apuração com análise de onde estivesse. “Lançamos diferentes abordagens simultâneas. Além da atualização ao vivo, tínhamos jornalistas realizando entrevistas e outros dedicados a análises em múltiplos cenários. Esses ambientes se alternavam exatamente para oferecer um conteúdo dinâmico e bastante diversificado”, afirmou.

Ele conta que a cobertura exigiu deslocamento rápido e presença nos pontos centrais da apuração. “Fui ao TSE no início da finalização dos votos para trazer o balanço parcial e entrevistar um dos observadores internacionais que acompanhavam a eleição. Em seguida, vim para o estúdio conversar com analistas sobre os pontos mais marcantes e preparar a entrada do resultado consolidado”, relata. Para ele, todo esse esforço serve para garantir atualização e análise a todo momento.

***Estagiários sob supervisão de Paloma Oliveto**

A aposta de Trump no "Bolsonaro 2.0"

» RODRIGO CRAVEIRO

Em meio ao temor da intervenção dos Estados Unidos no processo eleitoral e das declarações de Donald Trump de que acompanharia com atenção a votação no Brasil, o **Correio** entrevistou quatro brasilianistas. Os especialistas em política brasileira avaliaram como a Casa Branca vê a eleição e o impacto da vantagem de Flávio Bolsonaro, o candidato preferido de Washington, sobre Luiz Inácio Lula da Silva no primeiro turno. Também como um eventual triunfo bolsonarista vai ajudar o projeto hegemônico dos EUA e da extrema-direita na América do Sul.

Anthony W. Pereira, diretor-executivo do Centro Stone para Estudos Latino-Americanos da Universidade Tulane (em Nova Orleans, Louisiana), lembrou que os dois maiores países da América Latina que não fazem parte do chamado “Escudo das Américas” são México e Brasil. “A iniciativa é importante porque, ao aderirem a ele, os países reconhecem implicitamente o corolário Trump à Doutrina Monroe e o direito dos EUA de exercer supremacia nas Américas. Isso inclui o uso unilateral de suas forças militares contra inimigos percebidos, a obtenção de acesso a recursos considerados vitais para a sua segurança nacional — estejam esses minerais em seu território ou no de terceiros — e a violação do direito internacional em prol dos próprios interesses”, explicou.

“O Brasil representa um prêmio potencialmente conquistável para a administração Trump, que adoria receber Flávio como o novo presidente do país. Isso completaria uma

Pablo Porciuncula/AFP



Muro com críticas alusivas à relação entre Donald Trump e Flávio Bolsonaro, em São Paulo

série notável de eleições que levaram ao poder presidentes de direita e aliados da Trump na Argentina, no Chile, no Peru, no Equador, na Colômbia, no Paraguai, em El Salvador e em Honduras”, admitiu Pereira. De acordo com ele, as eleições nos oito países latino-americanos fazem com que a política de Trump de apoiar candidatos da direita pareça bem-sucedida, ao contrário do que ocorre na Europa, onde a impopularidade do americano fez com que essa iniciativa fracassasse — principalmente na Hungria, com a derrota de Viktor Orbán.

Professora de história da Universidade de Nova York, Barbara

Weinstein explicou que, no caso de vitória de Flávio, a Casa Branca e o Planalto firmariam um acordo mais favorável a Washington no que diz respeito às tarifas. “Trump esperaria que uma Presidência ‘Bolsonaro 2.0’ apoiasse quaisquer ações que os EUA adotassem internacionalmente (por exemplo, contra o Irã ou a favor de Israel) e oferecesse apoio estratégico de que os EUA pudessem necessitar. Isso comprometeria a soberania do Brasil, mas tenho certeza de que Flávio teria prazer em atender a esses pedidos; assim, Trump não precisaria exercer muita pressão para alcançar seus objetivos”, disse. No entanto,

Weinstein defende que persiste a realidade de que a China — e não os EUA — é, de longe, o principal parceiro comercial do Brasil.

Endosso

Para James Naylor Green, historiador político da Universidade Brown (em Rhode Island), há uma grande probabilidade de Trump endossar publicamente Flávio antes de 25 de outubro. Caso haja uma vitória de Lula no segundo turno, com menos de um por cento de diferença, tanto Trump quanto Flávio não reconhecerão os resultados. “O Partido Liberal

Eu acho...

“Esta eleição significa muito para Trump, e poderia até servir de modelo para uma futura Presidência com Donald Trump Jr. Mais seriamente, Trump prejudicou as relações dos EUA com muitos aliados de longa data, como Otan e Canadá. Consolidar poder nas Américas pode ser agora mais importante para ele do que no passado (quando, a meu ver, ele não se importava muito com a América Latina).”

Barbara Weinstein, professora de história da Universidade de Nova York



Arquivo pessoal

De acordo com Andre Pagliarini, professor de história e estudos internacionais na Universidade Estadual de Louisiana, o que está em jogo para Trump é uma questão de reputação. “Ele quer a vitória de alguém que o aprecie e lhe seja simpático, porque isso reflete positivamente em sua posição política. Não se pode subestimar as motivações mais mesquinhas de Trump por trás de qualquer ação.”

Ele acrescentou que o fato de candidatos da extrema-direita ao Legislativo terem superado todas as expectativas sugere que o projeto bolsonarista possui um enraizamento popular mais profundo do que muitos analistas políticos previam. “Isso ajuda a explicar como Flávio Bolsonaro resistiu a uma sucessão interminável de escândalos. Evidentemente, milhões de brasileiros sentem, neste momento, que a direita é o que melhor reflete seus valores e sua visão de futuro”, disse Pagliarini.

O estudioso acredita que, em uma perspectiva mais ampla, um governo favorável em Brasília fortaleceria o projeto de Trump para uma ordem global reformulada, alicerçada na hostilidade a instituições multilaterais, em políticas sociais profundamente reacionárias, no militarismo e na promoção de interesses próprios sob o pretexto de combater a corrupção institucional. “Flávio Bolsonaro também estaria, quase que certamente, mais disposto a atender às exigências dos EUA por condições comerciais favoráveis — algo a que o governo Lula tem resistido em prol de uma pauta comercial internacional mais equilibrada”, concluiu Pagliarini.